

## Ser treze

*À memória de Joaquim Serra<sup>40</sup>*

Anoitecera, havia pouco.

Na Avenida Maranhense conversavam, num dos bancos recentemente colocados ali no antigo largo do Palácio, as duas comadres Eleutéria e Raimunda Codó.

Decorreram muitos anos já que as duas mulheres não sabiam notícias uma da outra, apesar de noutros tempos serem unidas carne com ossos e morarem sob o mesmo teto, bebendo água juntas, dormindo na mesma tipoia, fumando no mesmo cachimbo e bebendo do mesmo mingau.

Circunstâncias imperiosas separaram as duas amigas, havia doze anos, ficando a Eleutéria na cidade e indo a Codó residir em Viana, donde só voltara em fins do ano passado.

Tão prolongada ausência, entretanto, não arrefecera aquela amizade fraternal. Pelo contrário, tornara-a crescente, e agora, que não mais se separariam, a Eleutéria apresentava à Codó uma criança vivaz e robusta para ela ser madrinha, ficando assim para todo o sempre alicerçada a antiga afeição.

A conversa se ia encaminhando sobre múltiplos assuntos quando na igreja da Sé o sino vibrou forte e sonoramente as sete

horas. Parece que aqueles melífluos sons, ferindo os ouvidos das duas amigas, reavivou-lhes na memória cenas do passado.

Assim foi que a Raimunda Codó, lançando a vista para a Catedral, falou à amiga:

— Sabes de que me *alembro*, quando eu olho ali p'ra igreja da Sé? De quando gritou a liberdade; da festa de arromba que ali se fez, Eleutéria!

— É verdade, minha comadre, parece que foi ontem... Mas já lá se vão dezessete anos, que não são dezessete dias!

— A procissão de Nossa Senhora da Vitória, ali naquela Sé, pelo Treze de Maio, eu nunca vi outra mais bonita!

— E foi só isso? E as passeatas? Chega a gente não tinha mais tempo nem p'ra comer. De vez em quando os foguetes estouravam e a música zabumbava por aí afora, e lá a gente, se estava em casa, descansando, era só trançar a saia na cintura e ganhava o bredo.

— Tu te *alembra* da Margarida, aquela da casa das Macedos?

— Eh! Essa rapariga era levada da breca. Pois ela não teve coragem de, assim que chegou o telegrama dizendo que não havia mais escravos, chegar-se p'ras senhoras e dizer: “Agora todos somos iguais, quem quiser que vá ao Açogue. Quando as senhoras quiserem, têm uma casa às ordens no beco do Rancho”! E foi saindo acompanhada dum carroceiro com o seu baú na cabeça. As brancas ficaram todas com cara de André.

— E quando se fez uma passeata para cumprimentar o Maranhense e o Victor Castello,<sup>41</sup> que Deus os chame lá, que os pretos do Jerônimo Tavares apedrejaram a casa daqueles brancos que tinham muitos escravos, lá na praça d'Alegria?

— Mas, minha comadre, tudo isso contado não é acreditado. E a Vitória, das “Corações de Ferro”,<sup>42</sup> que largou o balde lá no mercado, e não apareceu mais nas casas das senhoras...

— ... Que elas mandaram a polícia e o chefe respondeu que o

tempo de prender escravos já se havia acabado, que agora eram todos iguais.

— E elas ficaram com a cara deste tamanho!

— E nunca que a Vitória foi perdoada, pois, quando o Queirós foi delegado de polícia, elas arranjaram um aranzel com a rapariga que ela não só se meteu em bolos como teve a cabeça raspada.

— Mas o que não se pode negar é que as festas foram de estrondo.

— Também, foi só naquele tempo. Hoje está tudo mudado. Nem uma festinha mais se faz p'ro Treze de Maio.

— Sabe quem ainda faz um festejozinho, muito limitado, quase só p'ros de casa e os mais amigos? É nhá Amância, lá no Caminho Grande.

— E que não tinha obrigação, pois ela não foi treze. Ela é das que têm carta no cofó; ao passo que as *tais* de “alforria por decreto”, assinado com pena d'ouro, essas se vão esquivando...

— É, minha comadre, a grande questão é que, hoje, ninguém quer ser treze; quando se puxa uma conversazinha diante dos que foram, eles vão logo escapulindo-se.

— Pois, outro dia, senhora, eu não tive uma pega com a Maria Benedita, lá no canto do Ribeirão?

— Deveras, minha comadre?

— É como te digo. Ora, nós que conhecemos Maria Benedita desde negrinha, com aquela canela seca, vendendo arroz de Veneza, da fazenda do coronel Gonzaga! Sabes o que ela teve coragem de dizer, na minha presença? Que ela foi *forra* na pia,<sup>43</sup> que nunca conheceu cativo, que foi criada como branca e outras gabolices mais. Ora dá-se p'ra isso!

— Muito bem arranjado, esse negócio! Ora a Maria Benedita! Ela que dê uma folga nisso, e que faça por menos...

— Mas também, eu desanquei a negra que ela ainda me fiou

restando! E ela agora há de andar na certa comigo. Trastejando, eu 'stou-lhe no piso...

— Quando ela estiver com essas pabulagens, diga-lhe: “Cuida com o teu corpo, rapariga, que tu não 'tás fazendo nada”...

— Não, p'ra cá agora ela vem de carrinho; quando não, estamos com o carro no toco. Na minha presença ninguém vem se apurar.

— Bem faço eu, que não nego o que fui. E p'ro quê? Eu sei perfeitamente que Deus Nosso Senhor não deixou cativo no mundo, que isso foi uma história dos homens. Por isso não vejo de que me hei de envergonhar. Digo em alto e bom som que fui escrava, e que achei um filho de Deus que deu por minha carta quinhentos bagarotes! Tenho-a no meu cofô!

— E eu digo em alto e bom som que fui liberta no dia primeiro do ano de oitenta e oito, do mesmo em que veio a lei de Treze de Maio. Sabes como os meus brancos eram atilados. Parece que a coisa rosnou lá por cima e eles, p'ra fazerem “um bonito”, passaram a minha carta. Já se vê que eu também tenho carta no cofô...

— Bom, assim como nós, está bem, porque só dizemos a verdade. Mas essas outras que por aí andam, que p'ra não dizer nem que foram treze nem que têm carta no cofô, dizem que foram forras na pia?! Ah! Uma onça!

— Estão pensando que a gente veio ao mundo ontem. Mas não de ser sempre desmascaradas.

— Dê daqui, dê dali, o que é certo é que o Treze de Maio aí vem e não se fala numa só festa, a não ser nessa de nhá Amância e, talvez, algum arrasta-pé em casa de nhá Domingas. Pra que tamanha ingratidão com esse dia, que é grande, que é todo nosso!

— Eu cá por mim sempre guardei o dia e hei de guardar enquanto Deus Nosso Senhor me emprestar vida e saúde. É o mesmo que ser um domingo ou um dia santo grande...

— A mesma coisa se dá comigo. E o que há mais de admiração

nisso é que nenhuma de nós foi treze; temos ambas as nossas cartas no cofô.

— É por isso que dizem que o melhor sentimento é o que se concentra no coração e não o que se alardeia. Não fazemos festa porque não podemos; mas guardamos o dia com a maior veneração, cá no nosso peito. Ser treze é uma grande coisa, Eleutéria!

— É uma honra, minha comadre!

Estas últimas palavras foram saudadas pelo mesmo sino, que, dando agora as nove horas, o sonoro e cadenciado bimbalar como que bendizia aquelas duas mulheres que numa linguagem simples, banal, confessavam o seu ardente patriotismo, o seu amor e devotamento pela grande data dos brasileiros.

✱

A estas horas certamente que, como elas, muitos comemoram no coração a data da lei que fraternizou os nacionais e que, igualando pretos e brancos, prenunciou uma nova era — a do recorte do solo livre pelo braço livre, lavrando-o e fertilizando-o para tornar o país grande entre os que são os maiores no concerto das nações...

*Pacotilha*

13 de maio de 1905

## O discurso do Fabrício

*A Vespasiano Ramos<sup>44</sup>*

A classe comercial fizera naquela tarde uma estupenda manifestação de regozijo pelo advento da nova forma de governo.

Do largo dos Remédios partira uma grande procissão cívica, em que se ostentavam carros alegóricos, andores com bustos dos principais propagandistas republicanos, pintados a óleo; bandeiras de todas as repúblicas do universo; deusas da Justiça, do Comércio e Lavoura, da República; um índio, representando o Brasil, e deuses mitológicos: Marte, Minerva, Apolo, Mercúrio, Diana e outros. Caudalosos rios de dinheiro foram gastos para revestir de tão esplendorosa pompa a passeata dos comerciantes, que propositalmente se aguardaram para serem os últimos a cantar hosanas à República nascente. E o rutilante préstito, depois de percorrer galhardamente as principais ruas e praças da cidade, recolheu-se ao Teatro São Luís, onde, à noite, houve imponente sessão solene, a que assistiu, além do governo provisório, a delegação de todas as classes sociais.

Entre os oradores inscritos, achava-se o Fabrício, chefe duma das oficinas da Usina Maranhense, homem de ilustração acima do vulgar. O seu nome, conhecido em todas as sociedades, era acatado reverentemente. O Fabrício fora presidente do Clube

Abolicionista e, na Usina, se os operários tivessem uma instrução regular, teria, inspirado pelo seu saber, conquistado um lugar preeminente; levantaria, se quisesse, um partido, tal a cega abnegação que por ele tinham. Acercava-se daqueles que, pela sua inteligência, o poderiam compreender e explicava-lhes, fundado na sua farta e variada leitura, a república, que ele considerava a melhor forma de governo para um país. Pregava-a com uma eloquência em nada inferior à dos melhores tribunos. E, dos que o podiam entender nessas prédicas, só um, o João Cadete, divergia das suas ideias. Todas as vezes que o fervoroso repúblico terminava, na Usina, as suas “palestras doutrinárias”, o Cadete respondia-lhe:

— Qual, seu Fabrício, se “isto aqui chegar a ser República”, algum dia, muita gente apanha bolo e você vai à cadeia!

Ainda no dia em que o telégrafo trouxe a sensacional notícia de que a República passara a reger os habitantes das brasílicas terras, o Fabrício, opulentamente possuído de alegria, esfregando as mãos, chegou-se sorridente ao Cadete, e disse-lhe:

— É agora que você vai ver o que é governo! Vamos navegar em mar de rosas!

— É agora — retorquiu o Cadete — que você vai à Cadeia e que muita gente apanha bolo! Vamos navegar em mar de espinhos!

✱

O pessoal da Usina ocupava grande parte do Teatro e estava religiosamente empenhado em ouvir o discurso do Fabrício. Afirmava-se que este, não fazendo caso do amordaçamento da imprensa e do medo então reinante, iria dizer, “nas chinchas” do governo, o seu sentir, lançar o seu protesto pelos grandes desmandos, protesto que exprimiria o mais verdadeiro sentimento popular.

Assomando à tribuna, o Fabrício foi recebido por uma estridente salva de palmas, que rumorejou altissonante pelo abobadado edifício, ao contrário do que o auditório, superior à lotação da casa, fizera com os oradores que o precederam e que foram recebidos friamente.

Diante da estrepitosa manifestação que o povo lhe faz, o tribuno deixa transparecer a comoção, dominando-se, porém. Fitando a enorme massa popular, que incessantemente o aclama, como que procura perscrutar o que vai na alma do povo, o que ele sentia e o que ia de sincero nas constantes e vivas aclamações.

E a multidão, de instante a instante, agita-se sofregamente; todos como que anseiam pela palavra do orador; sente-se que aqueles milhares de cérebros têm o mesmo objetivo, o mesmo desejo.

Faz-se, finalmente, o silêncio; e a palavra do orador, temida e querida, é escutada. Fluente, emocionante, carinhoso umas vezes, causticante outras, vai dominando o auditório, que, compacto, se acotovelava.

O povo, agora, mudo e quieto, sentindo vibrar a sua alma às palavras do Fabrício, ouvia-o atentamente, embaladamente preso ao silêncio; aquele discurso, em que ironicamente era feito um verdadeiro libelo de acusação aos membros do governo provisório, era também o porta-voz das angústias de todos aqueles corações.

E quando o ardoroso orador compreendeu que tinha por si a grande massa popular e que, pela palavra, dominara essa avalanche de seres vivos e pensantes, perorou:

— Concidadãos! Esta forma de governo que ora nos felicita, de República só tem o rótulo! A República, como deve ser, ainda não a temos, pois os bolos estão chovendo nos postos policiais, e, cidadãos livres, como somos, nós, os brasileiros, assistimos ao degradante espetáculo de ver os nossos irmãos com as cabeças raspadas à navalha, a um simples aceno do Queirós!<sup>45</sup> Abaixo os tiranos! Viva a *futura* República!



A grandiosa assistência avermelhou as mãos e enrouqueceu-se, tão estridentes foram os aplausos com que ela abafou as últimas palavras do vibrante orador.

✱

O Fabrício, ao deixar a tribuna, erguida no palco do São Luís, avaliava a profunda impressão produzida pelo seu discurso no espírito público, mas não supunha, não calculava o ódio que havia causado aos governantes. Por isso, não foi sem grande estranheza que, ao chegar à casa de sua residência, viu, formado à porta, um pelotão de policiais que o esperavam. Preso, sem resistir, deixou-se conduzir placidamente à presença dos membros do governo provisório, cujos atos foram por ele, instantes antes, criticados acerbamente, violentamente.

A sua fisionomia, naquele momento, estava revestida da mais dolorosa impressão. Desditoso contraste! Uma hora antes, quando muito, o Fabrício recebia as unânimes aclamações dum povo, por intermédio de representantes de todas as classes sociais, e estava radiante de glória, enlevado, satisfeitíssimo, por ter cumprido um dos mais meritórios deveres — advogar a causa do povo. Agora, estava como que diante dum tribunal, mas não dum tribunal digno desse nome. Atiravam-lhe toda sorte de impropérios, insultavam-no baixa e torpemente, e ele, impotente para se defender diante daqueles espíritos neronianos, submetia-se, e, resignadamente, ouvia tudo. Ainda tentou justificar-se, dizendo timidamente:

— Eu pensava que a liberdade da palavra me seria mantida, como cidadão que sou...

— E *tu* ousas falar em liberdade, porventura?! — atalhou encolerizado um dos governantes.

E o Fabrício, o “arrojado que tão atrevidamente ousara criticar os atos do governo”, chamando para este a ira e o clamor

públicos, foi mandado levar à prisão, ficando incomunicável, como se fosse réu de crime nefando.<sup>46</sup>

O Clube Abolicionista,<sup>47</sup> de que o Fabrício fora presidente, gozava de grande simpatia e popularidade. Não pequena foi, por isso, a indignação que causou o procedimento do governo, mandando prender o seu *factótum*. O povo, satisfeito com a notícia da nomeação dum governador, que viria do Rio de Janeiro, estava disposto a dar começo à reação. Ao demais, constava que a canhoneira *Traripe*, que guardava o porto de São Luís, ficaria neutra ante qualquer movimento, em virtude de divergência do seu comandante com o governo. Na capital da República eram com veemência profligados os desmandos dos que, no Maranhão, dirigiam a barca governamental; e, portanto, qualquer reação, não importava por que classe, teria os aplausos e o auxílio do povo e as forças seriam impotentes para contê-lo.

Ou fosse por temer uma rebelião, ou por solicitação da diretoria do Clube, ou ainda por se arrepender da violência, o certo é que o governo mandou soltar o Fabrício, logo ao alvorecer do dia seguinte.

Centenas de pessoas, numa crescente romaria, se encaminharam para a casa da vítima, apresentando-lhe todos “os seus cumprimentos pela sua liberdade” e os seus protestos da mais “franca e inquebrantável solidariedade”.

E, quando nesse mesmo dia, o Fabrício compareceu na Usina, era de ver os cooperários, num concerto harmonioso, correrem pressurosos a dar-lhe os parabéns pelo discurso, cujo brilhante sucesso a prisão nem sequer de leve conseguira ofuscar. O Graciliano, um dos seus admiradores incondicionais, classificou o orador de “grande mártir”, e numa insistência viva pedia-lhe o original da vibrante peça, a fim de remetê-la para a Corte (ele ainda se não havia acostumado a chamá-la Capital Federal), onde seria publicada na *Tribuna Liberal*, do Laet.<sup>48</sup> A Corte inteira,

e o estrangeiro, depois, ficariam sabendo das horripilantes barbáries e das inqualificáveis violências postas em prática na sua terra; o capitão Queirós, o desumano delegado, seria chamado à presença do ministro da guerra e quem sabe se não iria “dar com os costados em Fernando de Noronha”..

Mas o Fabrício negava-se peremptoriamente a franquear ao Graciliano as tiras em que foram esculpidas as ricas e preciosas frases que constituíram o seu discurso, cuja fama ressoava pela cidade toda. Guardá-las-ia como uma relíquia dum valor inestimável, para atestar aos pósteros o quanto tinha sido infeliz o seu torrão natal no término de 89. E o Graciliano, respeitando as “justas considerações” do seu companheiro, do “reivindicador da liberdade”, desistiu do seu propósito, não sem grande desgosto, por não poder, pela forma que desejava, “dar uma lavagem na canalha”, lá mesmo “nas barbas do Deodoro”.

Chegada que foi a vez do João Cadete trazer os seus cumprimentos ao Fabrício, destacou-se bem do grupo, e, em alta voz, falou, saboreando o seu prenúncio:

— Então, seu Fabrício, que lhe dizia eu?

— Muitas coisas, seu Cadete, boas e más...

— Não, seu Fabrício, nada de subterfúgios, fale a verdade. Eu não lhe dizia que “quando isto aqui fosse República”, muita gente apanharia bolo e você iria à Cadeia?!

— Ora, seu Cadete, isto são infelicidades da vida...

*A vida maranhense*